

A SEMANA – 159

John Gledson

Esta crônica foi publicada por Mário de Alencar em 1914 (às páginas 220-223) como “O autor de si mesmo”, título pelo qual ainda se conhece. Alencar fez algumas alterações no texto, que assinaei nas notas. Aurélio as corrige quase todas, voltando ao texto da *Gazeta*.

Infelizmente, não encontrei a notícia que deu origem à crônica. Como diz Machado, é uma “simples notícia de gazetilha”, e apareceria (como muitas outras do gênero) com um título genérico: “Que fera!”, “Pais perversos!”, etc. Nesta categoria havia histórias até mais chocantes do que esta, na *Gazeta* e noutros jornais. Eram o pasto diário dos leitores.

O ataque a Schopenhauer, que, como diz Machado, é o verdadeiro motivo da crônica, talvez seja duro, sem ser injusto. Como se sabe, Machado foi muito influenciado pelo “filósofo de Dantzig”, como aliás é o caso de muitos escritores. Pode ser que o profundo sarcasmo seja a reação de um admirador desapontado. Acima de tudo, Machado acreditava na necessidade da liberdade do indivíduo, “o melhor de tudo, acrescento eu, é possuir-se a gente a si mesma”, como diz no final da crônica de “Bons Dias!” de 20-21 de maio de 1888. Como pessoa, e na escrita, Schopenhauer tinha a reputação de ser agressivo e irascível. Uma das suas *bêtes noires* era o filósofo G. W. F. Hegel, cujo historicismo, segundo Schopenhauer, era uma traição à herança de Kant.



A SEMANA

16 de junho de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Guimarães chama-se ele; ela Cristina. Tinham um filho, a quem puseram o nome de Abílio. Cansados de lhe dar maus tratos, pegaram do filho, meteram-no dentro de um caixão e foram pô-lo em uma estrebaria, onde o pequeno passou três dias, sem comer nem beber, coberto de chagas, recebendo bicadas de galinhas, até que veio a falecer. Contava dois anos de idade.¹

Sucedeu este caso em Porto Alegre, segundo as últimas folhas, que acrescentam terem sido os pais recolhidos à cadeia, e aberto o inquérito.²

A dor do pequeno foi naturalmente grandíssima, não só pela tenra idade, como porque bicada de galinha dói muito, mormente em cima de chaga aberta. Tudo isto, com fome e sede, fê-lo passar um mau quarto de hora,³ como dizem os franceses, mas um quarto de hora de três dias; donde se pode inferir que o organismo do menino Abílio era apropriado aos tormentos. Se chegasse a homem, dava um lutador resistente; mas a prova de que não iria até lá, é que morreu.

Se não fosse Schopenhauer, é provável que eu não tratasse deste caso diminuto, simples notícia de gazetilha. Mas há na principal das obras daquele filósofo um capítulo destinado a explicar as causas transcendentais do amor. Ele, que não era modesto, afirma que esse estudo é uma pérola. A explicação é que dois namorados não se escolhem um ao outro pelas causas individuais que presumem, mas porque um ser, que só pode vir deles, os incita e conjuga. Apliquemos esta teoria ao caso Abílio.

Um dia Guimarães viu Cristina, e Cristina viu Guimarães. Os olhos de um e de outro trocaram-se, e o coração de ambos bateu fortemente. Guimarães achou em Cristina uma graça particular, alguma coisa que nenhuma outra mulher possuía. Cristina gostou da figura de Guimarães, reconhecendo que entre todos os homens era um homem único. E cada um disse consigo: “Bom consorte para mim!” O resto foi o

¹ Aqui, Mário de Alencar não abre novo parágrafo, erro que Aurélio repete.

² Aqui novamente, Mário de Alencar não abre novo parágrafo.

³ Machado traduz da expressão francesa “un mauvais quart d’heure”. Na *Gazeta*, está assim, sem aspas, que Mário de Alencar e Aurélio acrescentam.

namoro mais ou menos longo, o pedido da mão da moça, as formalidades, as bodas. Se havia sol ou chuva, quando eles casaram, não sei; mas, supondo um céu escuro e o vento minuano, valeram tanto como a mais fresca das brisas debaixo de um céu claro. Bem-aventurados os que se possuem, porque eles possuirão a terra.⁴

Assim pensaram eles. Mas o autor de tudo, segundo o nosso filósofo, foi unicamente Abílio. O menino, que ainda não era menino nem nada, disse consigo, logo que os dois se encontraram: “Guimarães há de ser meu pai, e Cristina há de ser minha mãe; não quero outro pai nem outra mãe; é preciso que nasça deles, levando comigo, em resumo, as qualidades que estão separadas nos dois.” As entrevistas dos namorados era o futuro Abílio que as preparava; se eram difíceis, ele dava coragem a Guimarães para afrontar os riscos, e paciência a Cristina para esperá-lo. As cartas eram ditadas por ele. Abílio andava no pensamento de ambos, mascarado com o rosto dela, quando estava no dele, e com o dele, se era no pensamento dela. E fazia isso a um tempo, como pessoa que, não tendo figura própria, não sendo mais que uma ideia específica, podia viver inteiro em dois lugares, sem quebra da identidade nem da integridade. Falava nos sonhos de Cristina com a voz de Guimarães, e nos de Guimarães com a de Cristina, e ambos sentiam que nenhuma outra voz era tão doce, tão pura, tão deleitosa.⁵

Naturalmente, houve alguma vez arrufos. Como explicá-los? Explico-os a meu modo; creio que Abílio teve momentos de Hamlet. Uma ou outra vez haverá hesitado e meditado, como o outro: “Ser ou não ser, eis a questão. Valerá a pena sair da espécie para o indivíduo, passar deste mar infinito a⁶ uma simples gota d’água apenas visível, ou não será melhor ficar aqui, como outros tantos que se não deram ao trabalho de nascer? Nascer, viver, não mais. Viver? Lutar, quem sabe?” *It is the rub*, continuou ele em inglês, nos termos do poeta, tão universal é Shakespeare, que os próprios seres futuros já o trazem de cor.⁷

Enfim, nasceu Abílio. Não contam as folhas coisa alguma acerca dos primeiros dias daquele menino. Podiam ser bons. Há dias bons debaixo do sol. Também não se sabe quando começaram os castigos, – refiro-me aos castigos duros, os que abriram as primeiras chagas, não as pancadinhas do princípio, visto que todas as coisas têm um princípio, e muito provável é que nos primeiros tempos da criança os golpes fossem

⁴ Outra vez, aqui Mário de Alencar não abre novo parágrafo. A frase é uma paródia das bem-aventuranças (S. Mateus 5:3-11).

⁵ Na edição de Mário de Alencar, não consta o parágrafo seguinte.

⁶ Este “a” falta na *Gazeta*. Aurélio corrige.

⁷ Machado cita o famoso solilóquio, “To be or not to be”, de Hamlet, no terceiro ato, primeira cena, da peça de Shakespeare. A segunda frase é de Abílio; já em “Nascer, viver, não mais”, volta a Shakespeare, mudando a frase, que em inglês é “To die, to sleep, no more”; “Viver? Lutar, quem sabe?” é eco das palavras precedentes do solilóquio: “To take arms against a sea of troubles, and by opposing, end them” – “Armar-se contra um mar de obstáculos, e, lutando, dar cabo deles”. “It is the rub” (na verdade, “ay, there’s the rub”) significa, “ah, aí está o problema” (o “rub” sendo um termo do jogo de bocha, significando um obstáculo qualquer).

aplicados diminutivamente. Se chorava, é porque a lágrima é o suco da dor. Demais, é livre, – mais livre ainda nas crianças que mamam, que nos homens que não mamam.

Chagado, encaixotado, foi levado à estrebaria, onde, por um desconcerto das coisas humanas, em vez de burros,⁸ havia galinhas. Sabeis já que estas, mariscando, comiam ou arrancavam somente pedaços da carne de Abílio. Aí, nesses três dias, podemos imaginar que Abílio, inclinado aos monólogos, recitasse este outro⁹ de sua invenção: “Quem mandou aqueles dois casarem-se para me trazerem a este mundo? Estava tão sossegado, tão fora dele, que bem podiam fazer-me o pequeno favor de me deixarem lá. Que mal lhes fiz eu antes, se não era nascido? Que banquete é este em que a primeira coisa que negam ao convidado é pão e água?”¹⁰

Nesse ponto do discurso é que o filósofo de Dantzig, se fosse vivo e estivesse em Porto Alegre, bradaria com a sua velha irritação: “Cala a boca, Abílio. Tu não só ignoras a verdade, mas até esqueces o passado. Que culpa podem ter essas duas criaturas humanas, se tu mesmo é que os¹¹ ligaste? Não te lembras que, quando Guimarães passava e olhava para Cristina, e Cristina para ele, cada um cuidando de si, tu é que os fizeste atraídos e namorados? Foi a tua ânsia de vir a este mundo que os ligou sob a forma de paixão e de escolha pessoal. Eles cuidaram fazer o seu negócio, e fizeram o teu. Se te saiu mal o negócio, a culpa não é deles, mas tua, e não sei se tua somente... Sobre isto, é melhor que aproveites o tempo que ainda te sobrar das galinhas, para ler o trecho da minha grande obra, em que explico as coisas pelo miúdo. É uma pérola. Está no tomo II, livro IV, capítulo XLIV...¹² Anda, Abílio, a verdade é verdade ainda à hora da morte. Não creias nos professores de filosofia, nem na peste de Hegel...”

⁸ Em vez de “burros”, Mário de Alencar tem “cavalos”.

⁹ A rigor, no texto de Mário de Alencar, esta palavra não faz sentido, pois omitira o parágrafo em que Abílio cita o monólogo de Hamlet.

¹⁰ Aqui, Mário de Alencar parece que não resistiu à tentação de “melhorar” o original, e, ironia das ironias, por meio da peça cujo discurso mais famoso acaba de excluir. Tem “Que banquete é este é em que o convidado é que é comido?” Certamente estas palavras são uma reminiscência – intencional? – das palavras de Hamlet no ato IV, cena 3 da peça, referindo-se ao corpo morto de Polônio, que ele acaba de matar. Quando Cláudio pergunta-lhe onde está o velho ministro, Hamlet responde que está “at supper” (jantando); onde?, pergunta o rei; Hamlet responde: “Not where he eats, but where he is eaten”. (Não onde come, mas onde está sendo comido [pelos vermes].)

¹¹ Um caso de silepse: o pronome “os” deveria concordar com “criaturas”, mas o autor preferiu concordar com a ideia de “seres”.

¹² Eis aqui uma tradução do trecho do *Mundo como vontade e representação*, livro que Machado tinha na sua biblioteca numa tradução francesa: “Pois é a geração vindoura em toda a sua determinação individual que, mediante aquelas impulsões e esforços, adquire ímpeto para a existência. Sim, ela mesma já se aviva na escolha circunspecta, determinada e obstinada da satisfação do impulso sexual, chamado amor. A inclinação crescente entre dois amantes é, propriamente falando, já a vontade vital do novo indivíduo, que eles podem e gostariam de procriar; sim, já no encontro dos seus olhares plenos de anelo acende-se a nova vida, anunciando-se como uma individualidade vindoura harmônica e bem constituída. Eles sentem o anelo para uma efetiva união e fusão num único ser, para, assim, apenas nele continuarem a viver; tal anelo se satisfaz na criança procriada por eles, na qual as qualidades hereditárias de ambos continuam a viver fundidas e unidas num único ser.” (Tradução disponível em: http://filosofia.com.br/figuras/livros_inteiros/239.txt)

E Abílio, entre duas bicadas:

– Será verdade o que dizes, Artur; mas é também verdade que, antes de cá vir, não me doía nada, e se eu soubesse que teria de acabar assim, às mãos dos meus próprios autores, não teria vindo cá. Ui! ai!

